

# RELATÓRIO IMPARCIAL AO EPISCOPADO BRASILEIRO<sup>1</sup>

## *I – A doutrina filosófica do Integralismo*

### RELATÓRIO IMPARCIAL AO EPISCOPADO BRASILEIRO

Nota-se, em muitos círculos católicos, uma certa desorientação sobre a atitude a ser assumida perante o integralismo.

Há quem aconselhe francamente aos católicos a entrarem na Ação Integralista Brasileira. É o que fez, por exemplo, o Sr. Alceu Amoroso Lima, incontestavelmente a figura de maior relevo do laicato católico do Brasil.

Mas há, também, quem se coloque em atitude de franca hostilidade.

Como é possível que, nos arraiais católicos, em que uma admirável disciplina intelectual congrega todos os espíritos em torno dos mesmos princípios sociais, se pronuncie uma tão funda divergência?

#### Como estudar o Integralismo

O programa oficial do Integralismo está contido nas chamadas “Diretrizes Integralistas”.

Reconhecendo que este documento não contém senão alguns dos pontos fundamentais da doutrina integralista, resolveu a Ação Integralista Brasileira criar um Departamento de Doutrina, cuja incumbência consiste em elaborar os “itens” que deverão completar futuramente as “Diretrizes”.

Para realizar este desideratum, cabe ao Departamento de Doutrina orientar os estudos políticos e sociais dos intelectuais filiados ao Integralismo, de sorte a coordenar seus esforços na elaboração dos pontos complementares do programa oficial. Compete-lhe também velar por que os trabalhos publicados pelos Integralistas não se afastem do pensamento contidos nas “Diretrizes”.

O “Departamento de Doutrina” costuma editar, por sua conta, as obras dos intelectuais integralistas, que lhes pareçam particularmente interessantes.

As obras editadas sob o patrocínio do Departamento de Doutrina, que é orientado muito de perto pelo Chefe Nacional, Sr. Plínio Salgado, são pois, obras oficiosas do Integralismo. Não são propriamente oficiais, porque o Departamento de Doutrina não faz suas, todas as idéias contidas em tais obras. Mas são oficiosas, porque o Departamento ao editá-las, declara implicitamente que nada do que elas contêm colide com o programa ou as tendências do Integralismo.

Temos aí, portanto, mais um elemento para estudar o Integralismo.

Finalmente, temos os já numerosos periódicos integralistas.

Os autores do presente trabalho tiveram em mãos abundantes documentos pertencentes a essas várias categorias. Leram-nos com um espírito de inteira imparcialidade. E estariam dispostos, se preciso fosse, a jurar sobre o Santíssimo Sacramento, que são absolutamente sinceros nos comentários que vão a seguir.

#### O que é o Integralismo?

---

<sup>1</sup> Confidencial

É esta a primeira interrogação que ocorre a quem estuda o Integralismo. A doutrina do sigma é apenas uma doutrina política? É também social? Filosófica? Religiosa?

Vamos às fontes. Delas se deduz que (ver os apêndices, com os textos 1 a 10).

- 1) O Integralismo não é ainda uma doutrina completa: está em formação. Seu programa comportará futuramente diversos “itens” que nele ainda não figuram (vide no apêndice, texto I).
- 2) O Integralismo não é uma doutrina apenas política, mas também social, econômica, filosófica, moral (vide textos 10 e seguintes no apêndice).

### Qual a Doutrina Filosófica e Moral do Integralismo

O primeiro ponto que, a este respeito deveria ser esclarecido é o seguinte: o integralismo aceita como sua, uma doutrina filosófica, moral e religiosa preexistente? Ou quer criar uma doutrina nova?

A pergunta não é ociosa. Afirmam os documentos que citamos que a doutrina integralista abrange uma filosofia e uma moral.

Si o Integralismo simplesmente incorpora à sua doutrina uma filosofia preexistente, - o thomismo, por exemplo – será fácil conhecer o pensamento filosófico dos “camisas verdes”.

Mas, si ele cria uma doutrina filosófica nova, quer isto dizer que ele pretende constituir para si uma filosofia distinta de todas as correntes filosóficas anteriores, inclusive o thomismo.

Compreende-se, pois, facilmente, o grande alcance da questão que formulamos.

Para encontrar uma solução objetiva e imparcial, devemos consultar os textos integralistas (ver, no apêndice, os textos 22 e seguintes),.

Parece-nos que os textos citados afirmam, com uma insistência bastante significativa, o fato de ser nova e própria a filosofia do Integralismo.

Outros textos, mais explícitos, nos informam no que consiste esta filosofia.

No seu livro “A Quarta Humanidade” de que já citamos alguns trechos, o Sr. Plinio Salgado faz um longo histórico da evolução das diversas correntes filosóficas que o mundo tem conhecido, em todas as épocas e todos os países.

E, referindo-se à filosofia do Integralismo, que, segundo ele, será a filosofia de toda a humanidade futura, afirma que a filosofia integralista não repudia nenhum dos sistemas filosóficos anteriores, mas, pelo contrário, os assimila, a todos, em uma imensa síntese.

Depois de demonstrar que as características da vida intelectual no século XIX foram a análise e a fragmentação, (texto 26 e 27). Plinio Salgado descreve o processo através do qual, segundo ele, essa fragmentação excessiva reconduzia o homem à fusão das ciências naturais e das correntes filosóficas, em um corpo de doutrinas que constitui uma unidade superior, que é a filosofia e a ciência do Integralismo, bem como sua sociologia e sua economia.

As duas grandes etapas do pensamento humano e os dois grandes grupos de filosofias, anteriores ao período de desagregação e ateísmo que foi o século XIX, foram os períodos de adição (Politeísmo) e fusão (monoteísmo). (texto 29).

Quando o Politeísmo entra em decadência, afirma Plinio Salgado que ele se vê “entre dois fogos” o helenismo, que prosegue nos métodos naturalistas e o orientalismo”, que é monoteísta e “prosegue no rumo sobrenatural, estabelecendo em Deus o centro do Universo e do mundo anterior”. Quarta Humanidade, pg. 26 – 2ª de. pg. 28.

O helenismo e o orientalismo são a súpula de todo o pensamento da Antiguidade. No século XIX, eles não tinham desaparecido. Pelo contrário, no século passado “o espírito da filosofia readquire o sentido grego da consideração do Universo, abandonando completamente a concepção teológica”(Quarta Humanidade – Plinio Salgado, pg. 96 – 2ª ed. pg. 98).

E o marxismo foi o “misticismo da raça judaica. Para se compreender a essência recôndita do socialismo de Marx, é preciso conhecer o “Talmud” e os Protocolos dos Sábios de Sion.

Em última análise, essa ateocracia que domina a Rússia não passa da velha teocracia hebraica revestida de forma negativa. O autor de “O Capital” espera o Messias, que não é um homem, mas uma raça. O seu governo será com verga de ferro, como diz o “Talmud” Plinio Salgado – A Quarta Humanidade, págs. 55-6 2ª ed. págs. 57 e 58).

“Sintetizando” o pensamento do século XIX o Integralismo abrange nesta síntese todas as filosofias do passado (textos, 30 e 31).

Filho deste passado, ele não o maldiz. Pelo contrário nasce dos seus escombros como uma flor que brota entre ruínas.

E, ao cabo deste estudo uma dolorosa verificação se impõe a nossos olhos:

- a) a filosofia do Integralismo não é uma filosofia nova. Pelo contrário, ela é, e proclama ser o receptáculo de todas as filosofias antigas e modernas, a colcha de retalhos em que se alinhavam com linha verde, numa absurda baralhada, todas as verdades e todos os erros, que até hoje brotaram do cérebro humano.
- b) maldizendo às vezes a política ou a economia do século passado, o Integralismo não rompe com o que este século teve de pior: sua filosofia ou melhor suas filosofias. Condenando os erros do século XIX o Integralismo se apega ao pior e ao mais grave de todos: seu coletivismo.

### Integralismo e Tomismo

Mas dirá alguém, um certo ecletismo é o predicado da filosofia sã. Em todas as doutrinas, por mais errôneas que sejam, se encontra uma parcela de verdade.

Realizando a síntese de todas essas parcelas, chegar-se-ia ao tomismo. Não é este o desígnio do Integralismo?

O estranho conceito que de filosofia tem o Sr. Plinio Salgado (texto 26), mostra até que ponto sua concepção filosófica é diversa do tomismo.

Mas, temos para demonstrar essa diversidade, textos mais numerosos e não menos claros. Provaremos que a doutrina integralista é contrária ao tomismo:

- a) por suas concepções históricas;
- b) por sua idéia de Deus;
- c) por diversos outros pontos de atrito, de importância indiscutível.

### A concepção de história, segundo o Sr. Plinio Salgado

Para não correr o risco de deformar, resumindo-o o pensamento do Sr. Plinio Salgado, preferimos, tanto quanto possível, reproduzir textualmente suas palavras.

Diz ele que para compreender a história, é necessário “surprendermos as leis essenciais dos ritmos humanos, a teoria dos movimentos do Homem em torno de Absoluto.

“A história deve revelar-nos as posições do ser HUMANO na sua permanente gravitação. No desenvolvimento desses ritmos é que vamos surpreender as três etapas, que poderemos denominar: de adição, de fusão, de desagregação.

“A formação das sociedades obedeceu a esses movimentos. A Primeira Humanidade veio da caverna, até a criação do Politeísmo: a Segunda, vem do Politeísmo ao Monoteísmo; a Terceira vem do Monoteísmo ao Ateísmo; e a Quarta, que é a nossa, encontra-se na mesma situação trágica da Primeira diante do mistério universal.

“Depois da adição, da fusão e da desagregação chegou a hora da síntese”.  
(Plinio Salgado, Quarta Humanidade, págs. 15-16, 2ª ed. pág. 17).

A “síntese” a que se refere Plínio Salgado, é a filosofia nova, soma integral das filosofias anteriores, que abrangerá o pensamento oriental, com Jesus Cristo, Budha, Mahomet; o pensamento grego, com Platão e Aristóteles, o pensamento medieval com Santo Agostinho, São Tomás e os nominalistas, o pensamento moderno com Hegel, Kant, Bergson e Marx.

Assim depois da civilização atéia que ora agoniza, baseada no espírito analítico, desagregador e ateo das filosofias atuais virá a Humanidade Integralista, isto é a Quarta Humanidade. (ver texto 24).

Detenhamo-nos, por um momento, na apreciação dessa estranha filosofia da história.

Segundo o Sr. Plínio Salgado, a Humanidade teria sido a princípio politeísta. Nesse primeiro período, os deuses novos se iam juntando aos antigos, até atingir o incontável número de deuses que o paganismo cultuava. Esse o período de adição de deuses, isto é o período politeísta.

Veio em segundo lugar o período monoteísta. Como surgiu o monoteísmo? Os deuses se fundiram num só. Daí o nome do período: monoteísmo ou fusão.

Em terceiro lugar, veio o período do ateísmo, caracterizado pela análise e pela desagregação.

Finalmente virá a síntese integralista.

Dessa concepção histórica ressaltam:

- a) um erro: é francamente evolucionista
- b) uma interrogação para nós: Plínio Salgado divide a história em quatro períodos caracterizado por quatro posições da inteligência no problema de Deus; dessas quatro posições as três primeiras nos são conhecidas: politeísmo, monoteísmo, ateísmo.

Qual será a posição do Integralismo perante Deus? Como se deve entender, neste terreno, a “síntese” que ele quer fazer?

### Evolucionismo

Ninguém ignora que há divergências entre os historiadores a respeito da origem da Religião na humanidade primitiva.

Os evolucionistas afirmam que o homem foi primeiramente politeísta, e só depois monoteísta.

Com isto estaria destruída a tradição bíblica, que nos mostra o primeiro casal humano, e seus filhos, adorando um Deus único.

Os católicos pelo contrário, afirmam que o homem foi primitivamente, monoteísta. Mais tarde alguns povos decaíram para o politeísmo. Incólume ficou só o povo eleito.

A este respeito, o que pensa o Sr. Plínio Salgado?

Ele divide a História em três etapas caracterizadas por três posições diferentes do homem, perante Deus. A estas etapas ele dá os nomes de: 1) período de adição (politeísmo); 2) período de fusão (monoteísmo); 3) período de desagregação (ateísmo). Futuramente, a humanidade entrará em um novo período, que é do Integralismo, o período último e definitivo por que passará o Mundo (Quarta Humanidade, pág. 15, 2ª ed. pg. 17).

Na primeira etapa, o homem – diz Plínio Salgado – criou diversos deuses, que ele ia adicionando aos mais antigos, à medida que criava novos. Dessa constante adição de deuses, nasceu o politeísmo. Daí o nome do período: de adição, ou politeísta. Note-se bem que esta é a primeira etapa. Logo, antes dela não houve outras.

Na segunda etapa, que é monoteísta, a humanidade fundiu os deuses, uns com os outros, até chegar à concepção de um Deus uno. De onde o nome do período: de fusão ou monoteísta.

Na terceira etapa, este Deus uno desagregou-se no espírito do povo. Isto é, o povo repudiou o Deus uno. E tornou-se ateu. Daí o nome do período: de desagregação, ou ateu.

Virá, finalmente o período Integralista, caracterizado por uma nova concepção de Deus. Este relatório estuda, em outro lugar, o assunto referente à concepção integralista de Deus.

Basta-nos, por enquanto fazer notar que, se o Sr. Plínio Salgado aceitasse, como os historiadores católicos, a tradição da Bíblia, antes da etapa politeísta, ele deveria ter mencionado uma etapa monoteísta.

Da sua enumeração de períodos históricos, o Sr. Plínio Salgado exclui no entanto, a menção deste período inicial. A primeira etapa, para ele foi politeísta.

Com isto ele rejeita a tradição bíblica. E filia-se a corrente evolucionista.

Aliás, as convicções evolucionistas do Sr. Plínio Salgado são evidentes em toda sua obra.

Em uma de suas obras, diz ele que, no primeiro período, “o homem primitivo fundou a tribo e engendrou o totom (Quarta Humanidade, pág. 16, 2<sup>a</sup> ed. pg. 18).

Mostra-nos a História que a tribo não foi fundada pelo homem primitivo, como o homem moderno funda instituições comerciais ou beneficentes. Supô-lo seria grave erro. A tribo primitiva é, pura e simplesmente, o desdobramento da família, desdobramento gradual e espontâneo, que independe de qualquer fundação.

O evolucionismo do Sr. Plínio Salgado é particularmente nítido quando ele explica o aparecimento do monoteísmo.

Ouçamo-lo.

Quando entra em decadência o politeísmo, “começa a germinar, simultaneamente, as sementes das duas humanidades, as próximas antagonistas, que se perpetuarão e se revezarão no correr dos tempos: a humanidade monoteísta e a humanidade atea.

“Podemos representar graficamente o largo período politeísta como as nascentes de um rio. As causas são numerosas, todas convergem para uma causa única, para uma larga e profunda caudal.

a) E é curioso como o mesmo espírito (o espírito politeísta) que fundiu todas as correntes para uma única concepção de Deus, é o mesmo espírito que prossegue, tentando a destruição do próprio Deus. É, em última análise, o mesmo espírito naturalista, que faz compreender melhor o universo formal. É a procura da causa única. “Plínio Salgado, Quarta Humanidade, págs. 26 2<sup>a</sup> ed. pg. 28).

Assim, pois, para o Sr. Plínio Salgado, o monoteísmo é irmão do ateísmo. Nasceram ambos, por um “*processus*” lógico, do politeísmo.

Nessa evolução, ateísmo e monoteísmo são produtos do gênio diverso de duas raças diferentes, trabalhando sobre o fundo comum das convicções politeístas.

b) Filho do espírito analítico e naturalista da Grécia, o ateísmo é o “helenismo, que prossegue nos métodos naturalistas de interpretação e explicação dos elementos”. (Plínio Salgado, Quarta Humanidade, pág. 26, 2<sup>a</sup> ed. pág. 28).

Filho do espírito místico do Oriente, o monoteísmo é um “orientalismo, que prossegue no rumo sobrenatural, estabelecendo em Deus o centro do Universo e do mundo interior, conseqüentemente o centro dos movimentos sociais”. (Plínio Salgado, Quarta Humanidade, pág. 26 e 2<sup>a</sup> ed. pág. 28).

c) Monoteísmo e ateísmo “vieram do politeísmo, pelo mesmo caminho, separaram-se porque cada um deveria constituir uma força na eterna dialética. Essas duas humanidades deveriam exprimir as duas faces da verdade, porque impossível seria compreender uma sem a outra.

O bom não será bom sem o mau; a luz não será luz sem a treva; o agradável não o será sem o desagradável, o alto sem o baixo, o preto sem o branco. E do mesmo modo como a reta e que faz compreender a curva, embora a reta seja ilusão, como observa Einstein, o Ser só se compreende

em relação ao Não Ser, a afirmação em relação a negação. “Plinio Salgado, (Quarta Humanidade, pág. 27, 2ª ed. pág. 29)”.

Positivamente, não é esta a doutrina católica, não é esta a filosofia do Doutor Angélico. Mas o Sr. Plinio Salgado continua:

“Qual é a única forma de negar? É abstrair. É não considerar. Negar, considerando, é uma maneira de afirmar. “Plinio Salgado, (Quarta Humanidade, pág. 27, 2ª ed. pág. 29)”.

d) Curioso é o conceito de Cristianismo. “Para a Humanidade de Monoteísta, eu se desdobra dos hebreus para o amplo domínio do Cristianismo (em cuja concepção de existência temos de incluir os maometanos e os budistas), Deus é a causa, a razão, a finalidade única do homem”. “Plinio Salgado, (Quarta Humanidade, pág. 29, 2ª ed. pág. 31)”.

e) Curiosa, também, esta afirmação sobre o ateísmo grego: “dentro dele se encontram elementos da Quarta Humanidade, elementos que estão na expressão contrária à do espírito grego. A idéia essencial está dentro de todas as civilizações e formas de mentalidade, op. cit. pág. 30, 2ª ed. pág. 32.

f) É muito curiosa também, esta outra afirmação: para o povo judeu, quando se encontrava no deserto, “na ausência da paisagem viva, no desamparo da amplidão arenosa, Jehovah é a paisagem como é a Providência, que derrama as nuvens do maná e codornizes sobre as tribos esfaimadas; é a finalidade da Nação, que acende a coluna de fogo para a marcha nas trevas do deserto; é a tradição que se conserva na Arca da Aliança; é a lei que procede do Decálogo; é a sociedade que se organiza segundo o culto divino, em levitas guerreiros e trabalhadores. Tudo procede da idéia central, tudo nela repousa. Tudo é deduzido de um sentimento sobrenatural. “Plinio Salgado, (Quarta Humanidade, pág. 32, 2ª ed. pág. 34)”.

a) Não custa compreender pois, que o Sr. Plinio Salgado chegue a afirmar que, “na elaboração da Humanidade Monoteísta há o germen do materialismo, que mais tarde vai se aninhar no grupo sectário dos saduceus, cuja recusa à aceitação dos espíritos, anjos, arcanjos, irá ser repetida mais de vinte séculos depois, pelo racionalismo filosófico e pelo experimentalismo científico, em que tanto influíram os intelectuais da raça hebraica”. “Plinio Salgado, op. cit. pág. 33, 2ª ed. pág. 35.

b) Por isto é que “as sociedades espiritualistas acusam índices de materialismo” como aliás também “das sociedades materialistas despontam traços do espiritualismo. É esse o aspecto geral dos séculos e nenhum pode fugir dessa fatalidade.

“É que não se compreende a tese sem a antítese. A certeza em trânsito paira sobre as dúvidas, como o espírito de Deus que paira sobre as águas”. Op. cit. págs. 34-5, 2ª ed. 36-37.

c) A própria doutrina cristã conheceu no seu seio a luta do materialismo e do monoteísmo: “há um momento em que se encontram as duas humanidades. São os primeiros séculos da Era Cristã. Esses dois caracteres universais do espírito vão se misturar, quase fundir-se, separar-se de novo, caminhar em sentido ora paralelo, ora divergente. Op. cit. pág. 35, 2ª ed. pág. 37.

d) Essas duas tendências do espírito humano, “tendo confluído na alvorada do Cristianismo, sem nunca, entretanto, ter-se confundido de maneira absoluta, começam a separar-se em lineamentos mais nítidos, depois do século IV. O concílio de Nicéia não é apenas o palco da controvérsia entre estudiosos da teologia dogmática. É um índice também revelador do livre exame, de que Ario representa possivelmente a primeira expressão. É uma depuração dos resíduos. “Op. cit. pág. 37, 2ª ed. pág. 39.

Porque não se compreende a afirmação sem a negação e a “única forma de negar é abstrair, é não considerar” (op. cit. pág. 27) é que o helenismo e o pensamento burguês moderno são ateus: eles não negam Deus, mas abstraem dele.

Mas o materialismo marxista nem é anti-espiritualista e nem é ateu (ver no apêndice textos 32 a 35). Pelo contrário, vibra nele o espírito do monoteísmo semítico (ver no apêndice, texto 36).

Eis aí a conseqüência a que chega a filosofia integralista!

Mas veja-se agora uma curiosa explicação da razão porque o comunismo prevaleceu na Rússia cristã e foi rejeitada pela Europa burguesa e atéia: é que a Europa atéia repugnou o comunismo, que é uma religião. Enquanto o comunismo não desagradou, em virtude de seu fundo religioso, ao povo russo, profundamente cristão. “Plinio Salgado, (Quarta Humanidade, pág. 56, ver texto 36 do apêndice – 2ª ed. pág. 58)”.

Assim, pois, enquanto o Integralismo proclama aos quatro ventos que a Religião é a base da civilização, o Sr. Plinio Salgado sustenta que foi a religião que franqueou as portas da alma russa ao comunismo. Enquanto a irreligião burguesa salvou a Europa do perigo vermelho!

## **II – O Integralismo e a Religião – Deus, segundo o Integralismo**

Não há, no Brasil, quem ignore que o lema do Integralismo é “Deus, Pátria e Família”. O lema é simpático entre os que mais o sejam.

Mas estamos no nosso direito de perguntar: qual é a concepção que, de Deus, faz essa filosofia integralista tão obscura e tão surpreendente, para a qual o monoteísmo e o ateísmo são irmãos gêmeos, filhos do politeísmo, para a qual se encontra no Cristianismo o gérmen do ateísmo e que vê no comunismo uma semente de monoteísmo?

Ouçamos algumas invocações a Deus, feitas pelo Chefe Nacional, menos divulgadas que seus artigos na “ofensiva”, em que ele se mostra vagamente cristão, estas palavras nos revelam um aspecto curioso de suas concepções teológicas. Falem os textos:

“Destinos dos povos, vontade desconhecida, que age no fundo das Eras, através das transformações numerosas do Espírito do Tempo e da fisionomia da Terra.

“Força Providencial, que determinastes as migrações das raças e tangestes nações em marchas de conquistas, fundando religiões e estabelecendo impérios.

“Tenhas partido da Ásia, ou hajas ali renascido da morte de civilizações milenarias, és tão eterna como o roteiro dos astros, e és agora tão viva no nosso amargurado século XX, como estavas presente quando nasceram os primeiros deuses.

“Tu, Destino Misterioso, que conduziste, pelo deserto, Moisés e seu povo.

“Tu, Destino dos Povos, dá ao Brasil o seu instante de afirmação, proporciona-lhe a hora de sua palavra no mundo.

Plinio Salgado, oração pronunciada em 1926.

O pensamento que esta oração contém, foi, segundo informa o autor (Quarta Humanidade, pág. 135, 2ª ed. pág. 137), reproduzido por ele na tribuna da Câmara Estadual e em uma conferência em Ribeirão Preto. Este pensamento também foi afirmado no manifesto da Legião Revolucionária de 1931 e aí foi mais bem fixado. Este mesmo pensamento foi novamente reafirmado no manifesto de outubro de 1932, quando foi lançado o Integralismo. Este discurso está anexo ao livro de Plinio Salgado, A Quarta Humanidade, págs. 135 e seguintes. A seu propósito, o autor diz na edição de 1934 (loc. cit.): é este o pensamento que me absorve, e que está presente em todos os meus livros. Esta oração cabe perfeitamente nestas páginas e serve para esta hora sombria que só os inconscientes não percebem”.

É inútil mostrar os erros evidentes, destes textos heterodoxos.

Eis agora outro trecho desta significativa oração:

“É que acendes teu fogo imortal, Destino dos Povos no risco fosfórico do Boitatá, nas fagulhas da Mãe de Ouro, na brasa do cachimbo do Curupira e do Saci, nos largos sertões, como se fosse a própria alma do Brasil ígnea e palpitante (Plinio Salgado, Quarta Humanidade, pág. 145, 2ª ed. pág. 147).

E continua:

Destino dos Povos, “vieste da nossa história, vives na nossa terra; és a meiguice das mães brasileiras, és a bondade do homem rude do Brasil. És o ritmo das nossas canções tristes, és a volúpia dos nossos maxixes e cateretês”. Op. cit. págs. 145-146, 2ª ed. 147-148).

Curiosa esta idéia de Deus presente nas volúpias do cateretê!

Mas, alguém dirá: este discurso é de 1926. Estamos em 1936. Nestes 10 anos, o autor tem publicado declarações cada vez mais categoricamente cristãs. É pois, um cristão.

Não conhecemos um único dos artigos, discursos ou livros do Sr. Plinio Salgado que, lido com uma imparcialidade perspicaz e arguta, contenha cabais, claras e insofismáveis afirmações de que é cristão, no sentido autêntico da palavra, isto é que crê “*in unum Deum, Patrem Omnipotentem, factorem caeli et terrae, visibilium omnium et invisibilium. Et in unum Dominum Jesum Christum Dei Unigenitum. Et ex Patre natum ante omnia saecula. Deum de Deo... .per quem omnia facta sunt.... et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Mariae Virgine et homo factus est..*”

Pela desgraça dos tempos, a palavra cristão, já não é privativa dos que crêem em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Há numerosas correntes religiosas, até entre os protestantes, que sendo apenas deístas, vêem no Cristo Jesus um mero super homem. E, no entanto, dizem-se cristãos.

Será este ou será o nosso, o Cristianismo do Sr. Plínio Salgado?

Nenhum escrito seu, ou do Integralismo deixa perceber.

Quanto ao discurso de 1926, o autor reeditou-o em 1934, dizendo que o pensamento que ele contém foi apenas “fixado melhor” em 1931, e se tornou definitivamente nítido em 1932. Fixado, tornado nítido, sim. Mas retocado, mas alterado, mas reformado nos erros substanciais e gravíssimos que viciam sua essência, não. As idéias essenciais continuaram de pé.

Exposto assim o pensamento do Sr. Plínio Salgado vamos ao do Sr. Gustavo Barroso, a primeira figura do Integralismo depois do Chefe Nacional.

Em um dos esquemas de seu livro “O que é o Integralismo” Gustavo Barroso traça a posição religiosa da doutrina do sigma.

“Deus é o ponto de convergência de todas as religiões – afirmação básica de todas – em que se coloca o Integralismo para fundamentar a ordem social Gustavo Barroso “O que o Integralista deve saber”. Apêndice esquema V.

Cumpra notar que o Budismo aceita diversos deuses, que não tem poder para auxiliar os mortais. O bramanismo e o teosofismo são francamente panteístas, isto é, aceitam um Deus que se confunde com a natureza, e é um ser que não tem consciência de si mesmo. Qualquer destas concepções cabe na concepção integralista de Deus.

Como se vê, para o Integralismo, qualquer Deus serve seja ele o Deus vago e impessoal dos panteístas, ou o Deus dos católicos, o Deus do Integralismo pode ser até o Deus – natureza dos panteístas, etc.

A mesma noção figura com toda clareza, nas “Noções elementares da Doutrina Integralista”, do Sr. Olímpio Mourão Filho. Figuras essas noções em anexo do livro citado, do Sr. Gustavo Barroso. O trecho seguinte pode ser lido nas páginas 188-189:

“Todas as religiões que não atentarem contra a moral terão amplas garantias por parte do Estado. O Estado não tem religião oficial. Para o Integralismo, Deus é o ponto de intercessão de todas as religiões morais”.

Também se manifestou de modo absolutamente explícito a este respeito, o Sr. Miguel Reale, Chefe do Departamento de Doutrina da Ação Integralista e, portanto, pessoa muito ortodoxa quanto à pureza de seus princípios Integralistas.

Em artigo publicado no dia 29-6-1935 pela “Ofensiva” órgão oficial do Integralismo, o Sr. Miguel Reale examina as razões pelas quais a Maçonaria combate o Integralismo. Publicamos no apêndice, os principais tópicos deste importantíssimo artigo.

Dele ressalta que o Sr. Miguel Reale não vê qualquer oposição religiosa entre a doutrina do Integralismo e da Maçonaria, afirmando que “conhece maçons dignos de fazer parte do Integralismo, que exige de seus adeptos tão somente a nota espiritualista”.

O espiritualismo da Ação Integralista é pois, para o chefe do Departamento de Doutrina, o mesmo falso espiritualismo da Maçonaria.

E tanto isto é verdade, que também a Maçonaria declarou que a doutrina religiosa do integralismo contém a mesma liberdade de consciência que ela – Maçonaria, adota. E que, portanto, “baseando-se no princípio da liberdade de consciência, isoladamente, a Maçonaria não tem razões para opor-se ao Integralismo”. É ainda o Sr. Miguel Reale que nos informa isto em seu artigo. E conclui que a hostilidade entre Maçonaria e Integralismo é toda ela política, e não tem o mínimo cunho religioso.

No terreno religioso, encontram-se pacificamente no amor “à liberdade de consciência”.

Ora, nós sabemos qual é a “liberdade de consciência” da Maçonaria.

Não é pois, em vão, que um pastor anglicano publicou na “Ofensiva”, órgão oficial do Integralismo, um artigo concitando todos os anglicanos a se filiarem ao Integralismo, que em nada contraria a sua doutrina religiosa.

Não é em vão, que os numerosos protestantes filiados ao Integralismo celebram ofícios religiosos em seus templos heréticos no natalício do Sr. Plínio Salgado, enquanto nas igrejas católicas se celebra pelo mesmo motivo o Santo Sacrifício. E não é em vão, que a “Ofensiva” publica de uma e outra cerimonia – a católica e a herética – amplas notícias.

Não é em vão, que a “Ofensiva” publicou, por largo tempo, uma coluna espírita ao lado da coluna católica.

Não é em vão, que, na “Ofensiva” de 1-6-35, o Sr. J. Ferreira da Silva escreveu um artigo em que faz calorosa e clara profissão de fé espírita e diz que “não é apenas a harmonia doutrinária que obriga ou torna o Integralismo uma doutrina perfeitamente aceitável pelos espíritas, o que de fato desperta a sensibilidade dos espíritas para as fileiras Integralistas é ser uma revolução que se fará apoiada no Evangelho de Cristo”.

(Conhecemos qual a autenticidade do Cristianismo espírita como do espiritualismo das Lojas e da liberdade de consciência da Maçonaria).

A filosofia integralista é claramente, profundamente, essencialmente eclética.

E por isso mesmo é anti-católica.

Só o poderão negar os que não leram do Integralismo senão as famosas “Diretrizes”.

### A Igreja e o Estado no Integralismo

Há, porém um importantíssimo aspecto da doutrina integralista, que não quereríamos deixar de examinar, antes de encerrar este trabalho.

Como se sabe a doutrina católica sobre este assunto afirma:

- a) que é lícito optar alguém pela separação entre a Igreja e o Estado, na prática, em determinado caso concreto.
- b) mas que não é lícito sustentar doutrinariamente que o Estado não deve declarar oficial o culto verdadeiro e falso os demais.

O Integralismo é pela Concordata. Mas é pela separação. E como vamos demonstrar, ele é pela separação, não em virtude de razões práticas, locais, ocasionais, mas em virtude de concepções doutrinárias condenadas pela Igreja.

O Integralismo coloca o Estado, em relação a todas as religiões, em situação de rigorosa equidistância. E uma consequência lógica de sua concepção de um Deus igualmente católico, protestante, budista, taoísta, shintoísta ou espírita.

O Estado Integralista será rigorosamente neutro em matéria religiosa (ver textos 37 e seguintes) quando muito, ele se afirmará vagamente espiritualista e deísta.

Nas “Diretrizes integralistas”, por exemplo, o item XVII diz:

“O Integralismo, visando promover o aperfeiçoamento moral e espiritual da Nação se declara pelo espiritualismo contra todas as correntes materialistas de pensamento e de ação, que acobertadas pelo liberalismo, vêm exercendo a sua obra nefasta de desintegração de todas as forças vivas da Pátria”.

Já sabemos o que significam as palavras “materialismo e espiritualismo” na técnica filosófica caótica do Sr. Plínio Salgado: o monoteísmo contém germens materialistas, e o materialismo comunista tem germens de espiritualismo.

Isto posto, o que significa de positivo, de concreto, de útil, como garantia para a Igreja, o artigo XVII das “Diretrizes”? Evidentemente nada.

Como vemos a posição religiosa do Integralismo é idêntica absolutamente idêntica à das arqui-liberais repúblicas americana do norte e brasileira depois de 1934). Ambas as Repúblicas

afirmam a existência de Deus, mas se conservam rigorosamente alheias às diversas confissões religiosas.

Dito isto perguntamos: o que lucrará a Igreja com a instauração do regime integralista?

Nada.

Mas passemos adiante. Há mais.

“Dentro deste critério, o Integralismo se propõe respeitar integralmente a liberdade de consciência e garantir a liberdade de cultos, desde que não constituam ameaça à paz e à harmonia social. “Diretrizes”, XVIII.

A este respeito, os regimens liberais tinham outra fórmula: liberdade de todos os cultos que não contrariassem a ordem pública e os bons costumes.

O Integralismo alterou a fórmula, e a alterou sensivelmente.

Os interpretes de nossas constituições de 1891 e 1934 são unânimes em afirmar que as religiões só atentariam contra a ordem pública se pregassem e praticassem violências materiais, como agressões, motins, revoluções, etc.

Fora daí, porém não haveria violação à ordem pública. Reuniões, discussões, polêmicas, tudo isso era amplamente permitido.

Vem o Integralismo, e introduz uma inovação: é proibido nos diversos “cultos” ameaçar a harmonia social. “Ameaçar”, note-se bem, e não “perturbar”.

Ora, pergunta-se, qual é a forma de proselitismo que não pode gerar uma “desarmonia social”? Bastará a Verdade que desmascare o erro; ao Bem que estigmatize o mal, para que daí brotem descontentamentos, protestos, polêmicas, discussões.

E esses descontentamentos, polêmicas, protestos e discussões, romperão a harmonia social.

A fórmula “harmonia social”, é tão ampla, dado o significado dos termos que a compõem, que erige o Estado em supremo regulador das atividades da verdade e do erro. E põe nas suas mãos a cadeia de ferro com que poderá algemar igrejas heréticas juntamente com a Santa Igreja de Deus.

Não é atoa, pois, que o Integralismo professa um verdadeiro horror às lutas confessionais. Gustavo Barroso (O que o Integralista deve saber, pág. 67) diz que o Integralismo combate “todo e qualquer sectarismo, porque todos quantos fazem de sua crença em Deus o fundamento da ordem social devem formar hoje em dia, em defesa da civilização ameaçada, segundo as palavras de S.S. o Papa Pio XI, uma frente única contra o materialismo; porque o Integralismo não é um movimento religioso ou clerical, mas um movimento político-social que acolhe em seu seio todos os brasileiros integralistas seja qual for sua confissão religiosa”.

Através deste texto vê-se o que o autor entende por “sectarismo”: é a luta religiosa entre as confissões diversas.

Que S.S. o Papa recomende uma frente única de todos os homens crentes, contra o comunismo, é razoável e sábio.

Mas que o Estado Integralista tire daí um pretexto para proibir qualquer luta religiosa! Quem não percebe o perigo que aí se oculta?

No entanto, essa fórmula perigosa se encontra freqüentemente nos livros integralistas. Na pág. 86 de seu livro já citado, Gustavo Barroso afirma que “o Integralismo mantém as religiões sem sectarismo e afirma Deus”.

E daí tira uma conseqüência imensamente grave. Diz ele (op. cit. pág. 108): “Reconhecemos o valor espiritual das religiões mas não compreendemos a necessidade de organizações políticas de caráter religioso. “Está aí o germen de toda luta de Hitler contra o que o Führer chama “catolicismo político”.

Mas há mais:

O Estado Integralista reservará para si o direito de interferir nas próprias doutrinas filosóficas e religiosas. Di-lo Gustavo Barroso, na pág. 61 de seu citado livro: “O Integralismo

assegura liberdade religiosa absoluta, embora o Estado considere e examine as religiões e crenças filosóficas”.

A esta afirmação, o Sr. Miguel Reale junta a seguinte: “O Estado e a Religião devem agir de comum acordo, como forças paralelas. Nas questões mistas, meu ponto de vista pessoal é pela supremacia da autoridade do Estado, de acordo com as aspirações nacionais que lhe cumpre interpretar e dirigir”. Miguel Reale, o Estado Moderno, pág. 199 (3ª ed. pág. 179).

Se esta é a opinião pessoal do chefe do Departamento de Doutrina, claro está que ela não colide com o pensamento integralista.

A esta declaração, basta-nos acrescentar só mais esta outra do Sr. Plinio Salgado:

O Sr. Plinio Salgado declara que dá o nome de Revolução à “Interferência de uma idéia na vida social, para restabelecer o equilíbrio perturbado.” (Quarta Humanidade, pág. 115, 2ª ed. pág. 117).

Revolução é pois qualquer atividade tendente a restabelecer o equilíbrio social. Por mais surpreendente que pareça é este o sentido que ele dá à palavra Revolução, sentido este, que ele reafirma inúmeras vezes, com toda clareza, no seu livro já citado.

Ora, diz o Sr. Plinio Salgado, “o Estado é, para nós, Integralistas, o interferente modificador. Nos séculos anteriores ao nosso, essa tarefa cabia a indivíduos ou grupos de indivíduos”. E acrescenta: “só o Estado tem o direito de agir para manter o equilíbrio social”. (Quarta Humanidade, págs. 115-118, 2ª ed. 117-120).

Quer isto dizer, que, para os Integralistas, é ilícita toda a atividade social da Igreja, pois que tal atividade não é senão uma “interferência” da Igreja na vida social, para restabelecer o equilíbrio rompido.

### **III – Conclusões**

Pareceu-nos de evidente utilidade o trabalho informativo sobre o Integralismo a que procedemos. A bibliografia integralista é longa. Os documentos de propaganda são numerosos. Para ter do Integralismo uma idéia exata, seria necessária a leitura de todos esses documentos, de toda essa enorme bibliografia.

Evidentemente, a nosso Venerando Episcopado, já tão sobrecarregado de ocupações pastorais, não sobraria tempo para fazer tal estudo.

Em geral, as manifestações de católicos sobre o Integralismo revela uma informação deficiente sobre o verdadeiro pensamento integralista. Si essa informação existisse, estamos certos de que o pensamento católico sobre a doutrina do sigma já se teria fixado de modo bem categórico.

Vamos agora tirar, de tão amplo estudo, nossas conclusões.

Elas são de duas ordens: doutrinárias e práticas.

#### **Conclusões doutrinárias**

##### **I – Quanto à filosofia:**

- a) O Integralismo não é somente uma doutrina social e política; é também filosófica;
- b) a doutrina filosófica do Integralismo é anti-tomista e eclética, e procura abranger, em uma imensa síntese, todas as filosofias, compatíveis ou não com a doutrina católica;
- c) nessa síntese está abrangido um grande número de afirmações divergentes do pensamento católico.

##### **II – Quanto à religião:**

- a) o Integralismo toma as palavras ‘espiritualismo’ e ‘materialismo’ em um sentido inteiramente peculiar à ‘filosofia do Integralismo’. O comunismo lhe parece ter uma razão espiritualista. E o monoteísmo lhe parece conter germens materialistas.
- b) empregadas neste sentido, as palavras ‘afirmação de espiritualismo, e outras congêneres, freqüentemente inscritas em documentos integralistas, não significam a menor garantia para os católicos.
- c) quanto à História das Religiões, o Sr. Plinio Salgado é francamente evolucionista.
- d) a concepção de Deus contida no lema Integralista, comporta até o panteísmo;
- e) isto posto, é inadmissível que o Integralismo seja sincera, lógica e autenticamente cristão.

##### **III – Quanto à Igreja:**

- a) o Integralismo é neutro em matéria religiosa. Limita-se a afirmar um Deus, já vimos de que modo. Daí ele deduz que a Igreja ou antes as Igrejas devemos ser separadas do Estado. A razão desta separação não é política e ocasional. É doutrinária. E, por isto, está condenada pelo Syllabus.
- b) embora estabeleça a separação, o Integralismo avoca a si o direito de impor a ‘harmonia social’ e de ‘combater o sectarismo’; isto é, de controlar o proselitismo desenvolvido pelas diversas igrejas.
- c) além disto, o Integralismo se julga no direito de ‘examinar’ as filosofias e doutrinas.
- d) .....er agremiação cívica de caráter religioso.

- e) O INTEGRALISMO, POIS, ESTABELECE A SEPARAÇÃO ENTRE A IGREJA E O ESTADO, MAS TIRA ÀQUELA A INDISPENSÁVEL LIBERDADE.
- f) O CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DOCTRINA DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA ACHA QUE, EM MATÉRIA MISTA, CABE AO ESTADO A SUPREMACIA.

Estas as conclusões a que chegamos. Estão apoiadas sobre textos irrefutáveis, que transcrevemos na íntegra, no apêndice. Pelas indicações com que acompanhamos nossas citações, será fácil controlar qualquer delas.

Dir-nos-ão talvez: mas há nas diretrizes integralistas a afirmação explícita de que o Integralismo porá em vigor a sociologia cristã, e conservará as conquistas religiosas inscritas na Constituição de 1934. Logo, podemos confiar nele.

E nós perguntamos: o que é uma sociologia cristã?

Uma sociologia católica, sim, é coisa explícita, de sentido definido. Mas que garantia representa para nós a promessa da aplicação de uma sociologia cristã? Na Rússia, há uma seita cristã cismática que apoia o comunismo. Inúmeros tem sido os pregoeiros da Revolução Social que tem afirmado que o comunismo é a aplicação plena dos princípios sociais do Evangelho. Na Alemanha há uma confissão protestante que presta incondicional apoio a Hitler. Quem com bom senso e boa fé, pode sentir-se tranqüilizado ante a promessa tão vaga do integralismo, de aplicar a sociologia “cristã”? Essa promessa, aliás, é contrariada pelos próprios corifeus do pensamento integralista, como acabamos de demonstrar.

Quanto às reivindicações de 1934, é simples a resposta. Todas elas fazem parte do famoso “terreno misto” de competência cumulativa da Igreja e do Estado. A prevalecer o pensamento do Chefe do Departamento de Doutrina da Ação Integralista, a supremacia, neste terreno, cabe ao Estado sobre a Igreja.

De onde se conclui que essas reivindicações existirão enquanto o Estado quiser. Desde que elas suscitem “desarmonias sociais”, isto é, provoquem protestos de meia dúzia de protestantes e espíritas, deverão ser suprimidas. Isto é claríssimo.

### Conclusão prática

*Sendo o Integralismo uma corrente que professa uma filosofia incompatível com a da Igreja, pergunta-se: é lícito ao católico filiar-se ao Integralismo*

*Mas todos os partidos políticos brasileiros são favoráveis à separação da Igreja e do Estado, e ao Estado leigo. Logo, deveria também ser proibida a filiação de católicos a tais partidos.*

*É lícito afirmar-se que, de todos os partidos ou correntes políticas do Brasil, o Integralismo é a mais próxima do pensamento católico?*

*Mas é ao menos certo que o Integralismo faz à liberal democracia uma crítica razoável, capaz de arrancar o Brasil ao abismo a que está atirando o regime atual?*

Resposta; Não. Quem se filiar à uma escola filosófica incompatível com a doutrina da Igreja, professa implicitamente convicções filosóficas que sua religião repele.

Resposta: distingo. Nas correntes ideológicas que explicitamente, se declaram favoráveis à separação entre a Igreja e o Estado por motivos doutrinários errôneos, o católico não pode se inscrever.

Nos partidos políticos favoráveis à separação por motivos de ordem concreta (por exemplo), porque a união tolheria, no Brasil, por razões ocasionais e locais, a liberdade da Igreja, é permitido o católico inscrever-se.

Nos partidos políticos que são favoráveis à separação, sem declarar o motivo dessa atitude, podem os católicos inscrever-se, uma vez que não há qualquer declaração hostil às suas convicções religiosas.

Mas neste último caso, toda prudência ainda é pouca.

Resposta: Não. É certo que o Integralismo promete manter as reivindicações católicas de 1934. Mas idênticas promessas se encontram nos programas de diversos outros partidos.

É certo, ainda, que promete aplicar a sociologia cristã na sua íntegra. Mas já vimos de que vale esta promessa.

Resposta: é certo que o Integralismo, como aliás também o comunismo, denunciam com vigor e com precisão diversos erros da liberal democracia. Mas não é menos certo ainda que o Integralismo acusa o seu próprio seio tendências talvez mais funestas de que os erros da liberal democracia, por mais graves que estes sejam. O Integralismo por exemplo, ameaça invadir a esfera da ação da Igreja, e tirar-lhe a liberdade de que goza no Brasil hodierno.

Em todo caso, para os que ficaram perplexos ante as contradições existentes entre os sentimentos de certos integralistas, incontestavelmente bons católicos, e a doutrina que eles

professam, uma conclusão se impõe; os referidos católicos estão mal informados sobre o Integralismo. Em todo o caso, este merece a condenação de seus erros doutrinários.

Merecerá porventura, aprovação uma doutrina como a que expusemos? Será lícito aconselhar aos católicos que se inscrevam no Integralismo? Não.

Diz-se que os Srs. Plínio Salgado e Gustavo Barroso fizeram um retiro fechado no Rio de Janeiro, durante o qual comungaram.

Pouco importa. Por mais excelsas que sejam as virtudes e o saber do sacerdote que lhes deu a Sagrada Comunhão, perguntamos:

Podem inspirar confiança, aos católicos homens que escrevem publicam e editam livros contrários à doutrina da Igreja?

Há muito mais de uma ano, que constou a realização do referido retiro espiritual. Onde está a retratação a que, em consciência, os retirantes estavam obrigados?

Ninguém a conhece.

#### **IV – Prevendo Objeções**

Os autores deste estudo condensaram nele, o material contido nos principais livros integralistas.

Para não alongar excessivamente o “Relatório”, não lhes foi possível aproveitar os textos da totalidade dos livros publicados por autores integralistas.

A respeito dos livros e documentos integralistas, convém, no entanto, fazer algumas observações que já se encontram esparsas no “Relatório”, mas que queremos focalizar neste capítulo, de modo particular.

#### **I**

Habitados à disciplina reinante na Igreja, os católicos, ao lerem as “Diretrizes Integralistas” e o “Manifesto de Outubro”, supõe que estes dois documentos têm uma autoridade doutrinária análoga à que tem, entre os fiéis, o Credo.

O católico é obrigado a aceitar TODOS os artigos do Credo. Se negar UM SÓ deles, está automaticamente excluído da Igreja.

Mas o mesmo não se dá com as “Diretrizes Integralistas” e o “Manifesto de Outubro”, bem como com outros documentos oficiais do Integralismo.

É lícito ao Integralista negar um ou alguns “itens” das “diretrizes”. Nem por isto, será ele excluído da Ação Integralista Brasileira. Pelo contrário, pode até ser chamado a ocupar altos postos.

Por isto é que, há muitos ateus inscritos na Ação Integralista, embora as “Diretrizes” afirmem que a crença em Deus faz parte integrante da doutrina do sigma. O juramento de fidelidade ao Chefe Nacional, que todo o integralista deve prestar antes de ser admitido nas fileiras verdes, tem duas fórmulas diversas, ambas igualmente oficiais. Em uma delas, o juramento é feito “por Deus” e em outra, “pela honra”. Assim, não fica vedado aos ateus o ingresso nas fileiras integralistas.

Há exemplos flagrantes da sem-cerimônia com que os integralistas se conduzem em relação às “Diretrizes” que, como já dissemos, são o programa oficial do Integralismo. A um desses exemplos, já aludimos: enquanto as “Diretrizes” afirmam que o “Integralismo pretende construir a sociedade sob a dependência de Deus”, o chefe do Departamento de Doutrina, Sr. Miguel Reale, escreve um livro sobre o “Estado Moderno”, em que expõe os fundamentos do Estado segundo a doutrina integralista. Neste livro, não existe a mais leve referência a Deus, como fundamento do Direito.

Enquanto o art. XV das “Diretrizes” garante que o “Estado jamais poderá ultrapassar a legítima esfera de seus direitos, aniquilando ou mesmo cortando os direitos primordiais da Religião” e o item II declara que o Integralismo subordina os valores materiais aos espirituais”, o Sr. Miguel Reale afirma que, a seu ver, em matéria mista, a supremacia do Estado sobre a Igreja é legítima.

E assim por diante. Teríamos mais de um exemplo a acrescentar.

Conclusão: não se pode julgar o Integralismo exclusivamente através de suas “Diretrizes” porque estas não representam o pensamento da unanimidade dos integralistas. Nem sequer o Chefe do Departamento de Doutrina aceita a totalidade dos “itens” das “Diretrizes”.

Se algum dia o Integralismo se apoderar do Governo do País, não temos a menor garantia de que as “diretrizes” serão cumpridas, pois que, desde já, sofrem repúdios parciais. E repúdios procedentes de figuras de maior destaque no Integralismo.

Ninguém venha, portanto, argumentar contra nosso “Relatório”, armado tão somente com as “Diretrizes”, e fechando os olhos aos livros do Sr. Plínio Salgado e dos demais chefes integralistas, porque seria ingênuo fazê-lo.

## II

Aliás, cumpre acrescentar que as “Diretrizes” bem como os demais documentos congêneres, são tão confusos, que nem sequer podem servir de garantia aos católicos.

Examinemos de perto as coisas.

À vista do rumo que teria tomado o fascismo italiano, se não fosse a intervenção vigorosa do Santo Padre Pio XI, à vista do rumo que tomou o nazismo alemão, que o Santo Padre não pode conter, porque a Alemanha está mais longe de sua influência imediata, do que a Itália, pergunta-se: não é justo rezear-se que tome idêntico rumo o Integralismo brasileiro?

Dizem os integralistas e seus amigos, que não.

E, como garantia mencionam:

- a) as Diretrizes Integralistas;
- b) declarações escritas que o Chefe Nacional teria feito ao Episcopado;
- c) declarações verbais do Chefe Nacional, também a membros do Episcopado.

A última das garantias não tem o mínimo valor. Quando se trata de assunto sumamente grave, como este, de nada valem palavras: “*verba volant*”.

A segunda não é muito mais segura. Na hipótese de tais declarações existirem, e na hipótese de serem absolutamente claras, (cousa de que duvidamos), sem as reticências e ambigüidades freqüentes nos autores integralistas, elas exprimem somente a opinião pessoal do Chefe, opinião contrária, aliás, do pensamento que ele divulga francamente em suas obras.

Como já vimos, auxiliares dos mais graduados do Chefe Nacional professam doutrinas incompatíveis com o programa social da Igreja. E o chefe tolera isto de tão boa vontade que, a um dos mais assinalados expoentes da “ala” acatólica do Integralismo, ele confiou o próprio Departamento de Doutrina: trata-se do Sr. Miguel Reale.

Vamos agora, às “Diretrizes”.

Constituem elas uma garantia para a Igreja: Afirmamos que não.

Para que elas constituíssem garantia eficaz, seria necessário que elas fossem tão claras, que não pudessem sofrer qualquer interpretação alheia ou hostil à doutrina católica. Ora, isto não se dá.

Dos “itens” das “Diretrizes”, que podem interessar nosso programa social católico, já analisamos os de Nos. XVII, XVIII, XIX e XX. Já vimos que são ambíguos e que, interpretados em conjunto com outras fontes integralistas, podem abrir passagem às mais inesperadas conseqüências.

Vejam agora os outros “itens”.

O “item” 3 é totalmente oco. Poderia indiferentemente ser colocado no programa de um liberal, de um socialista, de um comunista ou de um católico, porque contém uma afirmação tão genérica que convém a qualquer corrente doutrinária.

O “item” 8 é do mesmo gênero: totalmente vazio. Não basta dizer que o homem tem direitos naturais intangíveis. É preciso enumerá-los. Enquanto essa enumeração não for feita pelo Integralismo, nunca se poderia saber até onde pode ir o Estado e até onde o indivíduo. E estará entreaberta a porta para a prepotência brutal do Estado nazista.

O “item” 10, definindo os deveres do indivíduo para com o Estado, é igualmente vazio. Pesem-se atentamente seus termos: ver-se-á que cabem dentro deles todos os matizes de pensamento que vão do liberalismo ao socialismo. Não há enumeração. Não há definição. Cada qual pode dar ao “item” 10, uma interpretação diversa, que varia segundo a doutrina filosófica que professa.

Merece igual referência o “item” XV. Tem ele sido apontado como a garantia mais satisfatória do Integralismo aos católicos. É, ao menos, o que dizem os amigos do “Sigma”.

Se o Sr. Plínio Salgado designou o Sr. Reale como Chefe do Departamento de Doutrina, deve-se supor que acha muito boa a doutrina que professa.

Nesta doutrina, figura uma violação expressa, clara, categórica, do “item” XV. Esta violação consta da afirmação do Sr. Reale, de que o Estado tem supremacia, em matéria mista, sobre a Igreja.

Por aí se vê o valor que o Sr. Plinio Salgado dá ao “item” XV do seu programa.

Conclusão: - Ninguém pode argumentar com as “Diretrizes Integralistas”, fechando os olhos a todos os outros documentos de origem integralista. No entanto, ainda mesmo que nos cingíssemos somente às “Diretrizes”, desde que pesemos atentamente cada uma de suas palavras verificaremos que elas não importam na menor garantia de que, uma vez no Poder, o Estado Integralista não enverede pelos caminhos de Hitler.

## V – Textos Numerados a que se refere o Relatório

### Apêndice No. 1<sup>2</sup>

Texto 1 – “O Integralismo prega essa doutrina, completa-a e amplifica-a constantemente com seus estudos”. Gustavo Barroso. “O que o Integralista deve saber”. pág. 10 edição de 1935, idem 4<sup>a</sup> edição 1936.

Texto 2 – “O Integralismo é uma Ação Social, um Movimento de Renovação Nacional em todos os pontos e em todos os sentidos. Prega uma doutrina de renovação política, econômica, financeira, cultural e moral”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber” pág. 9.

Texto 3 – “O Integralismo bate-se pela constituição de uma grande Pátria dentro de uma doutrina que contenha princípios definidos, desde as concepções do Mundo e do Homem, até as dos fatores materiais e econômicos”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 10.

Texto 4 – “O Integralismo COMPREENDE O MUNDO DE UM MODO TOTAL, e pretende construir a sociedade SEGUNDO A HIERARQUIA DE SEUS VALORES ESPIRITUAIS E MATERIAIS, de acordo com as leis que regem seus movimentos, e sob a dependência da realidade primordial, absoluta e suprema que é Deus. Essa HIERARQUIA, na qual SE FUNDA O PRINCÍPIO E O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE, faz prevalecer o espiritual sobre o moral, o moral sobre o social, o social sobre o nacional, e o nacional sobre o particular. “Diretrizes Integralistas, I e II.

Texto 5 – “Só UMA REVOLUÇÃO MORAL pode produzir uma grande, digna e benéfica Revolução Social. Porque esta é a projeção daquela. Por isso a doutrina integralista afirma que a primeira revolução do INTEGRALISMO é a REVOLUÇÃO INTERIOR”. Gustavo Barroso, “O que o integralista deve saber”, pág. 16.

Texto 6 – “O Integralismo de modo geral, ENCARADO COMO FILOSOFIA, é a CONCEPÇÃO TOTALITÁRIA DO UNIVERSO, quer no referente ao sistema do movimento quer no tocante às representações formais do Universo. O Integralismo, portanto, compreende o Mundo de modo TOTAL, aceita a idéia de Deus e do Espírito, e pretende construir a sociedade SEGUNDO O SENTIDO DE SUA ESSÊNCIA ESPIRITUAL E MATERIAL, de acordo com as leis de seus movimentos”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 43. (4<sup>a</sup> ed. 1936: “O Integralismo de modo geral, encarado como filosofia é a CONCEPÇÃO TOTALITÁRIA do Universo, quer no tocante às suas representações formais, quer no referente ao sistema de movimentos”. etc. (confere adiante texto 11.)

Texto 7 – “O Integralismo se guia por uma Doutrina, não por um programa. Doutrina é um CONJUNTO DE PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS, MORAIS E CIENTÍFICOS, no qual se baseia um sistema político por tempo indeterminado. A diferença essencial. Uma doutrina dá origem a um número incalculável de programas. Um programa não produz nenhuma doutrina”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 9.

Texto 8 – “O Integralismo não pode ser um simples partido. É cousa muito mais elevada. É um movimento, uma ação, uma atitude, um despertar de consciências, UM SENTIDO NOVO DA VIDA, a marcha de um povo que desperta”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”. pág. 13.

Texto 9 – “O Manifesto de Outubro”, passo inicial da campanha integralista, expõe a “Doutrina” (já vimos o sentido dessa palavra, na técnica integralista) do “sigma”, em diversos capítulos, dos quais o primeiro é de caráter nitidamente filosófico e religioso. Intitula-se ele: “Concepção do Universo e do Homem”, e suas primeiras palavras são “Deus dirige o destino dos povos”. Mais adiante, analisaremos detidamente este capítulo. Por enquanto, basta-nos mencioná-lo, para provar que a “doutrina integralista inclui preocupações de ordem filosófica e até religiosa.

*A frase que citamos (Deus dirige o destino dos povos), não está colocada no “Manifesto de Outubro” como simples preâmbulo. Basta ler o referido documento, para persuadir-se disto o leitor. Ela é apenas a afirmação no. 1 de todo um capítulo todo ele de cunho filosófico.*

Texto 10 – “Deduziremos as relações sociais com normas seguras de direito, de pedagogia, de política econômica, de fundamentos jurídicos. Como cúpula desse edifício, REALIZAREMOS A IDÉIA ABSOLUTA; a síntese de nossa civilização; NA FILOSOFIA; NA METAFÍSICA; na música como conclusão suprema do sentido do espírito

---

<sup>2</sup> Contém, em ordem numérica, os textos mencionados na exposição. Os grifos são nossos.

nacional e humano”. Manifesto de Outubro. Da autoria de Plínio Salgado. É o documento com que foi lançada ao público a Ação Integralista Brasileira.

Texto 11 – “O que é o Integralismo?”

“O Integralismo de modo geral, ENCARADO COMO FILOSOFIA, é a concepção totalitária do Universo, quer no tocante às suas representações formais, quer no referente ao sistema de movimentos”. CATECISMO INTEGRALISTA (organizado e impresso pela Ação Integralista Brasileira, que distribuiu centenas de milhares de exemplares. Quesito e resposta no. 1 do Catecismo.

“Como o Integralismo entende o Homem?”

“Como um ser de tríplice aspiração: material, intelectual e moral. Catecismo Integralista, quesito e resposta n.º 3. Logo o Integralismo tem um conceito próprio, sobre o homem, como sobre outros assuntos filosóficos.

“O Integralismo combate a tibieza, o imediatismo, o ódio, porque o Integralismo é Força Moral, Ação, Combate às Ambições, FÉ, Denodo, Coragem, Renúncia e Amor ao Próximo”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 67. Mais uma vez se reafirma neste texto o caráter filosófico e moral da doutrina integralista, que não é apenas uma doutrina política.

Texto 12 – “Para isto o Integralismo não apregoa a destruição da Ordem Social, mas a Revolução Transformadora do sentido da vida, com a restauração de todos os fatores humanos MORAIS, sociais, materiais, subvertidos pela decomposição do liberalismo”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 73.

Texto 13 – “Compete ao Integralismo “desintoxicar os espíritos das teorias nefastas, mostrando sua inanidade e impedindo sua propagação; tudo fazer para conseguir o equilíbrio do sistema nervoso dos indivíduos; fortalecer os corpos com a higiene e a saúde”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 131.

Texto 14 – “Compete ao Integralismo “moralizar” as classes superiores da sociedade, para que o seu desregramento não sirva para provocar o furor das massas, e sim para que o seu exemplo lhes sirva de ensinamento”. Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 132.

Texto 15 – “Integralismo, fascismo e nazismo tem os seguintes pontos de contato: a) sua origem comum: reação do espiritualismo sobre o materialismo”. Capitão Olímpio Mourão Filho, ex-instrutor da Milícia Integralista. Noções elementares da Doutrina Integralista. É um fascículo. O texto citado se encontra no capítulo VI.

Texto 16 – A obra de Plínio Salgado, “O que é o Integralismo” começa a exposição da doutrina integralista com uma longa dissertação filosófica sobre o destino do Homem (pág. 13-27), de que citaremos mais adiante alguns trechos. O longo capítulo filosófico, pela extensão que lhe deu o Autor, bem como pelo lugar de destaque em que ficou colocado na obra, demonstra a importância que o Chefe Nacional do Integralismo atribuiu ao aspecto filosófico de sua doutrina.

Texto 17 – “Dissemos no capítulo anterior, que o mundo é o que é, e não o que sonham os teorizadores. Nós integralistas, pretendemos restabelecer o critério das realidades humanas. Assim repito em relação ao Homem, que ele deve ser tomado na verdade mais profunda de sua essência. E não foi por outra coisa, que traçamos, antes de tudo o quadro das finalidades humanas, antes de entrar no estudo político”. Plínio Salgado, “O que é o Integralismo”, págs. 40-41.

Texto 18 – Sob o regime integralista, “a filosofia, a sociologia, a economia, a ciência, a literatura, as artes, a política, terão no novo Estado a sua expressão integral. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 68, 2ª ed. pág. 70. Qual é essa expressão integral da filosofia?”

Texto 19 – “O movimento integralista brasileiro é um movimento de cultura que abrange:

- 1) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente, das ciências sociais, econômicas e políticas;
- 2) a criação de um pensamento NOVO baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente, o século passado”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 87, 2ª ed. pág. 89.

Texto 20 – “A formação das elites dirigentes é o escopo da primeira fase desta campanha. Ela deve firmar certos princípios, que servirão de base à nossa consideração do mundo e dos fenômenos sociais. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 89.

Texto 21 – “Não nos limitamos, ao terreno econômico e social, porquanto partimos da esfera filosófica, e estabelecemos um sistema de consideração do mundo, segundo o qual subordinamos nosso pensamento político”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 91, 2ª ed. pág. 93.

Texto 22 – “Há um sentido de vida, que é novo, e que precisamos decifrar. Não é uma civilização que está terminando o seu ciclo; é uma humanidade que está em face de outra Humanidade. Não é um sistema econômico que está isoladamente em jogo, é um senso de vida, de concepção cósmica. Não se trata de rumos políticos, mas de algo mais profundo, de que dependem rumos políticos.

“Temos diante de nós, problemas morais, culturais, multiplicando-se em problemas pedagógicos, estéticos, jurídicos, administrativos. E todos estes problemas não podem ser tratados segundo a mentalidade de civilizações extintas, mas segundo o sentido de uma época que se desdobra em novos planos e novas finalidades”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 13-14, 2ª ed. págs. 15-16.

Texto 23 – “Mas os que são moços pertencem à outra Humanidade, que está nascendo e que saberá, em cada país, criar NOVOS padrões de cultura, DE MORAL, de direito, de administração e de política. E criará uma NOVA autoridade baseada numa concepção de origem e de finalidade do mundo. E criará NOVO processo de relações sociais e econômicas. E criará o Estado Integralista”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 66-67, 2ª ed. 68-69.

Texto 24 – “Depois da Humanidade Ateísta, virá a Humanidade Integralista. é a “Quarta Humanidade”. “Como o sol que vai nascer, ela já projeta os seus primeiros clarões. “Uma luz NOVA se anuncia no mundo.

“A NOVA civilização realizará a grande síntese. SÍNTESE FILOSÓFICA, SÍNTESE POLÍTICA, MAS PRINCIPALMENTE SÍNTESE DAS IDADES HUMANAS”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 82, 2ª ed. pág. 84.

Veremos mais adiante que essa “síntese” é a criação de uma escola filosófica inteiramente nova.

Texto 25 – “O Integralismo é um movimento original, genuinamente brasileiro com uma PRÓPRIA filosofia”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 88, 2ª ed. pág. 90. Trata-se de uma filosofia Própria, isto é, de uma filosofia que é só DO INTEGRALISMO, e não se confunde com nenhuma outra filosofia.

Texto 26 – “O século XIX foi de análise, de fragmentação, de individualismos agudos e unilateralidades arbitrarias, tanto na ciência como nas artes, tanto na moral e no direito como na política. Cada capítulo de determinada ciência transformou-se em ciência particular. As especializações exprimem, não só um grande sentido técnico, mas, principalmente, um sentido de divisionismo e de parcialismo característicos de uma época histórica. O panorama que nos oferece este começo do século XX é de anarquia e de confusão caótica”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 65, 2ª ed. págs. 67-68.

Texto 26.A – “Acreditamos como Hegel acreditou, que a grande filosofia é principalmente a história das filosofias. E por isto tomamos todo o cabedal (filosófico) que nos forneceu o século passado, para construirmos com ele o século novo”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 109-110, 2ª ed. págs. 111-112.

Texto 27 – “O século passado foi de análise em todos os campos do conhecimento. Durante mais de cem anos, as ciências se delimitaram e, dentro dessas ciências, os objetos do conhecimento foram considerados segundo aspectos isolados. Esse processo aplicou-se desde a química ao direito, e desde a geografia à psicologia experimental. E, ao mesmo tempo que a ciência dividia e subdividia o mundo na sua expressão objetiva, as filosofias subordinavam a apreciação do Absoluto a quadros fixos e estreitos do experimentalismo científico. O século passado, que foi um dos mais fecundos da Humanidade, pelos elementos que forneceu ao nosso, nada pode dar a si próprio”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 93-94.

Texto 28 – “Na extrema subdivisão da matéria, a química confundiu-se com a mecânica, e encontrou a essência dos mundos, expressões materiais do movimento; e, no mistério dos movimentos a magia eterna do número, que Pitágoras pressentira. Essa mesma unidade científica nos inspira a unidade filosófica e a história da filosofia adquire um valor novo para nós, integralistas brasileiros, que somos os primeiros homens novos do século XX. O nosso pensamento totalizador nos oferece os elementos para a realização da síntese sociológica de que resulta a Nova Economia e a Nova Política”. Plínio Salgado. “A Quarta Humanidade, págs. 111-112, 2ª ed. págs. 113-114.

Texto 29 – No desenrolar da História, podemos “surpreender as três etapas que poderemos denominar de adição, de fusão, de desagregação. A formação das sociedades obedeceu a esses movimentos. A primeira veio da caverna até a criação do Politeísmo; a segunda vem do Politeísmo ao Monoteísmo; a terceira vem do Monoteísmo ao Ateísmo”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 15.

Texto 30 – “Por aí se vê que o Integralismo Brasileiro, considerado como pensamento filosófico e método de crítica, nem se apresenta como destruidor do passado, nem como inimigo do século XIX, e sim como uma natural continuação de ambos. Trata-se principalmente de uma questão de nova perspectiva”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 94, 2ª ed. pág. 96.

Texto 31 – “O Integralismo, portanto, não vem condenar e proscriver, de um modo absoluto, as filosofias do século passado; vem ampliar-lhes o ângulo de visão, vem subordiná-los a um conjunto, considerando-as simples anotações subsidiárias ao novo pensamento construtor”. A nossa preocupação é libertar o homem do século XX dos preconceitos do século XIX. Não se trata de destruir completamente o século passado, mas de inaugurar um novo sentido de vida, que é o da nossa época”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 91-92, 2ª ed. pág. 93.

Texto 31 – O Integralismo é, na decadência contemporânea, “a flor da vida que sob os escombros e as dores de um inverno melancólico, renasce numa misteriosa primavera de angústias”. O Integralismo nasce da filosofia do século XIX como “do seio da noite a madrugada”. E Plínio Salgado acrescenta: “Já se notam os primeiros sinais da aurora na espessa treva gemente”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 66, 2ª ed. pág. 68.

Texto 32 – “O fenômeno Russo já não pode ser tomado, em hipótese alguma como uma expressão de negação do espírito, de aspiração transcendental. A luta que se abriu no país dos soviets contra as religiões foi um movimento ao qual podemos sem receio de erro denominar: o grande movimento religioso da Rússia”. Em matemática, equívalem-se o sinal mais e o sinal menos; ambos consideram quantidades em possibilidade, o que representa, em última análise, quantidades em afirmação.

“Na concepção infinito do Universo, cabem todas as extensões susceptíveis de serem ideadas, quer em adição, quer em subtração. E por isto a afirmação e a negação se encontram e se fundem numa mesma fisionomia interior. Ambas se traduzem pelos mesmos processos”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 46-47, 2ª ed. págs. 48-49.

Texto 33 – “É aqui que eu quero declarar, com a mais sincera convicção, que o materialismo histórico, o marxismo, está no mesmo campo em que se encontra o espiritualismo, o sentido totalista do universo”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 48. A este respeito cumpre notar que, sempre que lemos a repetidíssima afirmação de que “O Integralismo compreende o Universo de um modo total”, temos a impressão de que nossa “concepção total”, estão incluídas certas realidades super-sensíveis, como Deus e a alma. Tal, porém não se dá. A prova disto está em que, para o Sr. Plínio Salgado, o comunismo que é ateu, e anti-espiritualista, também tem o famigerado “sentido totalista do universo”.

Texto 34 – “O materialismo histórico não é pois, em última análise uma negação do “ideal” nem mesmo do sobrenatural: é uma forma de afirmação da negação”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 56, 2ª ed. pág. 47.

Texto 35 – “É o materialismo dogmático, extremo oposto da teologia, uma nova religião, a religião do ateísmo (!) cuja liturgia é a violência de Sorel”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, pág. 45, 2ª ed. pág. 47.

Texto 36 – “O marxismo” é o misticismo às avessas. É o misticismo da raça judaica. Para se compreender a essência recôndita do socialismo de Marx, é preciso conhecer o Talmud e os Protocolos dos Sábios de Sion. Em última análise, essa ateocracia que domina a Rússia não passa da velha teocracia hebraica, revestida de forma negativa”. E continua: “Eis porque, não tendo o marxismo vencido nos países materialistas e industriais do ocidente, onde o capital e a máquina expulsaram de há muito a Deus e ao Espírito das fábricas e das metrópoles, pode vencer na velha Rússia mística, onde as multidões se ajoelhavam chorando diante do gênio de Dostoievsky que lhes mostrava no Céu o objetivo de uma raça agitada nos seus dramas seculares, e trazendo no fundo da nacionalidade o substratum do sobrenaturalismo oriental”. Plínio Salgado, “A Quarta Humanidade”, págs. 55-56, 2ª ed. págs. 57-58.

Texto 37 – “O Integralismo mantém as religiões, sem sectarismo, e afirma Deus”? Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, pág. 86.

Texto 38 – “O Integralismo quer inteira liberdade de confissão religiosa “Afirmando Deus e o Espírito”, “não pode o Estado Integral ser exclusivista em matéria de crença”. Gustavo Barroso, “O que é o Integralismo”. Em seguida a este texto Gustavo Barroso “O que o Integralista deve saber”, págs. 115-116-117, o Sr. Gustavo Barroso faz uma longa dissertação sobre o gesto de Pio XI, gloriosamente reinante, que aconselhou aos fiéis do mundo inteiro que se unissem a quantos crêem em Deus para combater o comunismo. E desta recomendação do Santo Padre, que o Sr. Gustavo Barroso quer concluir que “é preciso não ser exclusivista em matéria de crença”. O Santo Padre recomendou a todos os fiéis que reunissem suas forças. Não porém que confundissem suas convicções.

## VI – Considerações acessórias

Declarações que, a meu ver, poderiam ser acrescentadas ao Relatório:

- 1) – O autor do Relatório, quando o redigiu, só conhecia os livros nele mencionados. Posteriormente, porém, leu ainda “Integralismo e Catolicismo” de Gustavo Barroso, “O Quarto Império” do mesmo autor, “A doutrina do Sigma” de Plínio Salgado e “A . B. C. do Integralismo” de Miguel Reale. Todos estes livros têm em abono das teses contidas no Relatório, ao qual o autor nada tem a tirar. O autor só não acrescenta os textos dos novos livros que leu, ao Relatório, para não torná-lo excessivamente longo. No livro “Integralismo e Catolicismo” o Sr. Gustavo Barroso declara-se abertamente e explicitamente católico. Entretanto nesse mesmo livro se encontram graves erros de doutrina que um católico nunca poderia subscrever. Mais ainda: no livro “Quarto Império”, o Sr. Gustavo Barroso faz sua doutrina da “A Quarta Humanidade” e manifesta certas idéias que fazem duvidar muito para não dizer ‘contestar formalmente’ – de suas convicções católicas.
- 2) Muitas pessoas cuja opinião conheço, e até membros do Clero, concedem sem dificuldade que a doutrina integralista é muito falha, mas acham que a doutrina é secundária no movimento integralista, e só que interessa é o homem. Para responder a estes, seria conveniente acrescentar os seguintes textos da “Doutrina Sigma”, edição de 1937:

*“O que deve unir ou separar os homens são as idéias. Seguir um homem sem motivos ideológicos, é uma indignidade, ainda quando esse homem possua as melhores virtudes. Eis porque não permito que os integralistas vejam em mim o Integralismo. Os camisas verdes devem ter como chefe supremo a doutrina integralista. não devem gastar o seu tempo em erguer hosanas ao Chefe, e cantar-lhe loas”, págs. 74, 75.*

*“O que vale em nosso movimento, como argumentação para atrair os brasileiros, não são os homens, porém os livros que os homens publicam, as conferencias que fazem, os artigos que escrevem. É com esses elementos que se deve julgar o Integralismo, porque esses elementos têm caráter de permanência e perpetuidade, ao passo que os homens são transitórios”, pág. 73.*

E na página 69 acrescenta:

*“Este movimento é de idéias claras, nítidas, precisas, não de fanatismo em torno de minha pessoa. Determinei que os integralistas pensassem menos em mim e mais em nossa doutrina”.*

Como se vê, é absurdo relegar para segundo plano a doutrina integralista, e colocar em primeiro plano os homens do Sigma.

Ora, essa doutrina, como vimos, é a mais errônea possível.

No seu livro “A doutrina do Sigma”, o Sr. Plínio Salgado afirma que “a revolução integralista se processa em dois planos simultaneamente:

- 1º - O plano espiritual mediato.
- 2º - O plano cultural imediato.

No plano espiritual, o objetivo é mediato, porque para atingi-lo teremos de levar muitos anos de doutrinação, de educação constante da massa, do esforço individual de cada um. No plano cultural, o objetivo é imediato, porque o Brasil necessita, desde logo de uma transformação do Estado, mediante a qual poderemos, como queria Alberto Torres, assumir nova atitude em face dos problemas”, pág. 14.

Os integralistas estão “crentes de que uma obra sistemática de educação individual e das massas elevará a média das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro, cuja estrutura mais íntima revela traços de superioridade incontestável. Essa obra de educação é que é a “revolução espiritual” e é em razão dela que nos distinguimos tanto do Fascismo como do Hitlerismo, imprimindo um sentido profundo ao nosso movimento”. pág. 16. Donde se deduz que o Integralismo é ainda mais absorvente, em matéria educacional, do que o Fascismo e até o Hitlerismo!

Depois de enumerar minuciosamente, à pág. 17, toda a reforma moral que o Integralismo quer operar em seus adeptos, os defeitos morais a combater, as virtudes a adquirir, etc. .. ele conclui à pág. 18:

*“Essa é a revolução interior, a revolução espiritual. Nós sabemos que ela se processará devagar, porque estamos encharcados dos vícios de uma educação materialista, de uma educação farisaica de catecismos hipócritas em que se esfacelou uma república que confiou mais nos doutores da lei do que nas realidades da Pátria e nas profundas verdades humanas. Sei que essa revolução espiritual durará muito tempo, e o seu triunfo completo só se dará nas futuras gerações. É por isso que, paralela a essa transformação do espírito nacional, estamos acionando a Revolução Cultural. Há no Integralismo uma revolução subjetiva e outra objetiva”.*

*“A revolução espiritual, nós a realizamos nos quadros da Secretaria Nacional de Educação. Somos hoje 1.000.000 de brasileiros que em 3.000 núcleos que funcionam em todos o país constituímos uma só família”, pág. 27.*

Para que se compreenda esse texto cumpre acrescentar que a Secretaria Nacional de Educação é um dos Departamentos da atual Ação Integralista Brasileira.

“Perguntamos: no caos da vida brasileira, na confusão que assinala estes dolorosos dias da nossa história, onde estão os doutrinadores os protagonistas, os educadores das massas? E **PODEMOS RESPONDER COM SEGURANÇA: ESTÃO NO INTEGRALISMO.** O governo mantém cursos populares de doutrina, em que se ensine o amor da Pátria, o respeito à Família, o culto a Deus, em que se combatem os vícios, o comodismo, o oportunismo, o indiferentismo de uma sociedade que apodrece a olhos vistos? Não. Pois bem: **O INTEGRALISMO MANTÉM ESSES CUROS EM CADA UM DE SEUS NÚCLEOS,** arrancando a massa popular dos erros com que a envenenam aqueles que recebem dinheiro do capitalismo internacional para preparar o operário brasileiro à escravidão do soviete. Quer dizer que hoje, no Brasil, a **ÚNICA FORÇA COORDENADORA DAS CONSCIÊNCIAS NO SENTIDO DA ORDEM ESPIRITUAL E MORAL É O INTEGRALISMO.** DESAFIAMOS QUEM NOS APONTE OUTRA ORGANIZAÇÃO SEMELHANTE, QUE ABRANJA TODA A EXTENSÃO TERRITORIAL DA PÁTRIA E CONGREGUE MAIOR NÚMERO DE BRASILEIROS, POIS SOMOS HOJE 1.000.000.

“A essa campanha doutrinária e mobilização das forças morais da Pátria, juntamos a obra educacional, que realizamos através de nossas organizações atléticas e esportivas de “camisas verdes”.

“Porque mantemos essas organizações? Em relação a esse importante setor, nós o mantemos como “escola de disciplina”. O Camisa Verde aprende a ser modesto, diligente, respeitoso, adquire um exato conceito de Autoridade, aprende a amar sua Pátria e a tudo sacrificar por ela, inclusive seus interesses e vaidades pessoais, aprende a sofrer, a calar, a trabalhar sem alarde, aprende a amar seus companheiros, que constituem hoje uma família de um milhão de irmãos. NO DIA EM QUE TODOS OS BRASILEIROS FOREM CAMISAS VERDES, ESTARÁ RESOLVIDO A PRIMEIRA QUESTÃO DESSE COMPLEXO PROBLEMA DA ORDEM”. op. cit. capítulo “Ordem espiritual”, pág. 35 e seguintes. Os grifos são nossos.

Daí se deduz que a Ação Integralista não é apenas política, mas social e moral. Ela visa uma reforma do indivíduo.

Poderá um Bispo permitir que os Congregados Marianos e outros membros de associações religiosas, que devem fazer essa reforma pelas respectivas associações, freqüentem esses cursos e esse ambiente em que se lhes prega toda uma reforma espiritual sem a menor assistência eclesiástica? Que garantias de ortodoxia traz essa verdadeira ação social leiga, que, por mais parecida que possa ser com a ação católica – e não o é – finge ignorar inteiramente a esta e procura equiparar-se a ela? Não será a última das imprudências permitir isto, principalmente se toma em conta que é um livre pensador ou espírita como o Sr. Miguel Reale, que é o chefe do Departamento de Doutrina do Integralismo, e que este admite em seu seio, e em todos os graus de sua hierarquia, e, portanto, como formadores de almas, homens de todas as Religiões?

Ainda que seja lícito votar no Integralismo, será lícito associar-se a ele, com risco de se expor a toda essa influência?

Parece-me que não.

<b>RELATÓRIO IMPARCIAL AO EPISCOPADO BRASILEIRO .....</b>	<b>1</b>
I – A DOUTRINA FILOSÓFICA DO INTEGRALISMO .....	1
<i>Como estudar o Integralismo</i> .....	1
<i>O que é o Integralismo?</i> .....	1
<i>Qual a Doutrina Filosófica e Moral do Integralismo</i> .....	2
<i>Integralismo e Tomismo</i> .....	3
<i>A concepção de história, segundo o Sr. Plinio Salgado</i> .....	3
<i>Evolucionismo</i> .....	4
II – O INTEGRALISMO E A RELIGIÃO – DEUS, SEGUNDO O INTEGRALISMO .....	8
<i>A Igreja e o Estado no Integralismo</i> .....	10
III – CONCLUSÕES .....	13
<i>Conclusões doutrinárias</i> .....	13
<i>Conclusão prática</i> .....	14
IV – PREVENDO OBJEÇÕES .....	17
V – TEXTOS NUMERADOS A QUE SE REFERE O RELATÓRIO .....	20
VI – CONSIDERAÇÕES ACESSÓRIAS .....	24